

José Eduardo Agualusa

A Rainha Ginga

E de como os africanos inventaram o mundo



QUETZAL língua comum | José Eduardo Agualusa

*Para o Harrie Lemmens, que me convenceu
a escrever este romance.*

*Para a Marília Gabriela, a Lara e todas as mulheres
africanas, que, a cada dia, vão inventando o mundo.*

Quando as águas cobriram a Terra e depois nasceram as florestas, sete grandes pássaros, as nossas mães ancestrais, vieram voando desde o imenso além. Três desses pássaros pousaram na árvore do bem. Três pousaram na árvore do mal. O sétimo ficou voando de uma árvore para a outra.

— Lenda ioruba

A luz com que vêes os outros é a mesma com que os outros te veem a ti.

— Provérbio nyaneka

Capítulo Primeiro

AQUI SE CONTA DA CHEGADA a Salvador do Congo do narrador desta história, o padre pernambucano Francisco José da Santa Cruz. Aconteceu isto nos idos de 1620. Mais se conta de como este padre veio a ser secretário da Ginga — depois Dona Ana de Sousa, rainha do Dongo e da Matamba —, e de como a acompanhou numa famosa e muito admirável visita a Luanda.

1



A PRIMEIRA VEZ QUE A VI, A GINGA OLHAVA O MAR. Vestia ricos panos e estava ornada de belas joias de ouro ao pescoço e de sonoras malungas de prata e de cobre nos braços e calcanhares. Era uma mulher pequena, escorrida de carnes e, no geral, sem muita existência, não fosse pelo aparato com que trajava e pela larga corte de mucamas e de homens de armas a abraçá-la.

Foi isto no Reino do Sonho, ou Soyo, talvez na mesma praia que lá pelos finais do século xv viu entrar Diogo Cão e os doze frades franciscanos que com ele seguiam, ao encontro do Mani-Soyo — o Senhor do Sonho. A mesma praia em que o Mani-Soyo se lavou com a água do batismo, sendo seguido por muitos outros fidalgos da sua corte. Assim, cumpriu Nosso Senhor Jesus Cristo a sua entrada nesta Etiópia ocidental, desenganando o pai das trevas. Ao menos, na época, eu assim o cria.

Na manhã em que pela primeira vez vi a Ginga, fazia um mar liso e leve e tão cheio de luz que parecia que dentro dele um outro sol se levantava. Dizem os marinheiros que um mar assim está sob o domínio de Galena, uma das nereidas, ou sereias, cujo nome, em grego, tem por significado calmaria luminosa, a calmaria do mar inundado de sol.

Aquela luz, crescendo das águas, permanece na minha lembrança, tão viva quanto as primeiras palavras que troquei com a Ginga.

Indagou-me a Ginga, após as exaustivas frases e gestos de cortesia em que o gentio desta região é pródigo, bem mais do que na caprichosa corte europeia, se eu achava haver no mundo portas capazes de trancar os caminhos do mar. Antes que eu encontrasse resposta a tão esquiva questão, ela própria contestou, dizendo que não, que não lhe parecia possível aferrolhar as praias.

Nos dias antigos, acrescentou, os africanos olhavam para o mar e o que viam era o fim. O mar era uma parede, não uma estrada. Agora, os africanos olham para o mar e veem um trilho aberto aos portugueses, mas interdito para eles. No futuro — assegurou-me — aquele será um mar africano. O caminho a partir do qual os africanos inventarão o mundo.

Tudo isto me disse a Ginga, na língua dela, que na altura me soava não só estranha como impossível, pois era como crer que dois ribeiros pudessem comunicar um com o outro apenas com o natural rumor do seu correr. Um negro, quase meu conterrâneo, de nome Domingos Vaz,

lhe servia de língua, ou tandala, que é o título que entre os ambundos leva quem desempenha tal ofício. Era este Domingos Vaz um sujeito de brando trato, muito dado a folguedos de todo o tipo, o que não lhe turvava o entendimento nem prejudicava o ofício. Quando soube ser eu natural de Pernambuco e que, como ele, vivera os primeiros anos num engenho, ainda mais doces se tornaram os seus modos, e logo ali me ofereceu a sua amizade.

A Ginga estranhou a minha aparência, pois não via em mim semelhanças nem com os portugueses vindos do reino, nem com dourados flamengos, ou mafulos, como em Angola são conhecidos, menos ainda com o gentio das diferentes nações do sertão. A minha mãe era índia — expliquei-lhe —, da nação Caeté. Dela herdei a espessa melena negra e muito lisa, que a despeito da avançada idade ainda hoje conservo, embora já não tão escura, além de uma irresistível vocação para a melancolia. Meu pai era mulato, filho de um comerciante da Póvoa do Varzim e de uma negra mina, mulher de muitos encantos e encantamentos, que acompanhou e iluminou toda a minha meninice. Sou a soma, por certo um tanto extravagante, de todos esses sangues inimigos.

A seguir, a Ginga quis saber se eu estava ali com o propósito de a servir como secretário e como conselheiro, conforme lhe havia sido prometido pelo governador português, Luís Mendes de Vasconcelos, ou antes para — com malícia — a converter à fé de Cristo, pois bem via pelas minhas vestes ser eu um padre. Ela pedira um secretário, não um sacerdote. Dizendo isto agitou as malungas, soltou

uma gargalhada áspera, que a mim me pareceu que era o mafarrico quem assim se ria, e me disse que toda a sua fé se achava naqueles adereços, e num cofre, a que os ambundos chamam mosete, onde guardam os ossos dos antepassados.

Nessa mesma noite, já no acampamento onde pernoitámos, Domingos Vaz narrou, com preciosa soma de detalhes, algumas das cerimónias e superstições gentílicas a que assistira. Senti, escutando-o, que estava entrando em pleno Inferno e enchi-me de terror. Tantos anos decorridos, olhando sobre os meus débeis ombros para o alvoroço do passado, sei não serem tais práticas mais diabólicas do que tantas outras de que eu mesmo fui testemunha no seio da Igreja Católica. Violências, injustiças, infindáveis iniquidades, que a mim se me afiguram ainda mais torpes do que as cometidas pelos ímpios, pois se aqueles ignoram Deus, os cristãos erram em nome Dele.

Dias mais tarde, na ilha da Quindonga, no caudaloso rio Quanza, onde, após destruída a cidade de Cabaça, se instalara o rei do Dongo e os seus fidalgos mais poderosos, assisti a um extraordinário prodígio, que foi ter-se o céu carregado de uns pássaros muito negros, muito grandes, nunca antes vistos por ninguém ali, tão-pouco por mim em Pernambuco ou Salvador. Os pássaros corriam pelo céu como ensandecidos, gritando alto, numa língua que alguns afirmavam aparentada com a dos muxicongos, em todo o caso, língua de gente, no que não me fiei. Todo o dia e toda a noite gritaram os pássaros, não deixando ninguém dormir. Ao amanhecer, desapareceram, abandonando as

suas negras penas presas às silvas ao redor da cidade, que por ali as há em grande quantidade, e muito densas e espinhosas.

Chamou-me a Ginga, e vi, ao entrar na sua banza, que estava ela acompanhada pelo rei, seu irmão, o belicoso Ngola Mbandi, bem como por uma dezena de conselheiros e poderosa fidalguia. A estas grandes conversações chama o gentio «fazer maca», o que significa trocar palavra, pois cada notável é convidado a produzir no decurso delas a sua opinião.

Ngola, cujo rosto rude e tenaz, de duras esquinas, muito impressionava, tinha os olhos vermelhos, raiados de sangue, talvez da muita diamba (cânhamo) que andara fumando. A rainha, que na altura ainda o não era, não obstante o porte, ostentava sobre os ombros uma capa vermelha de apurada oficina, e aquela capa parecia fazer refulgir seu rosto, como se um incêndio a consumisse. Ginga discutia em alta voz com o irmão, como se com ele partilhasse a mesma vigorosa condição de macho e de potentado. Já na altura não admitia ser tratada como fêmea. E era ali tão homem que, com efeito, ninguém a tomava por mulher.

Ao ver-me, chamou-me para o seu lado, o que irritou ainda mais o irmão. Novamente, os dois altercaram, e, embora não compreendesse uma palavra, intuí que pelejavam por minha causa. Domingos Vaz, de pé, ao lado da Ginga, aguardou que ambos serenassem, posto o que, a um gesto dela, começou a traduzir.

Ngola Mbandi, derrotado há pouco mais de dois anos, em combate contra as armas portuguesas, pretendia partir

para uma nova guerra. No singular entendimento dele, os pássaros negros que víramos nessa noite, e no dia anterior, não representavam outra coisa senão um exército de antepassados, mortos no decurso de outras tantas contendas contra a bandeira portuguesa, exigindo vingança.

Ngola Mbandi recordou o desaire das tropas de seu pai, o rei Ngola Quiluanze, a 25 de agosto de 1585, contra o exército do capitão André Ferreira Pereira. Eu conhecia o episódio. Ngola Quiluanze entregara o comando dos seus guerreiros a um valente capitão chamado Ndala Quitunga. As duas massas de homens armados chocaram uma contra a outra junto ao rio, num vale afundado em espesso nevoeiro. Os portugueses, embora em menor número, contavam com a violenta surpresa dos seus canhões, além de um esquadrão de cavalaria. Por último, lançaram contra os guerreiros de Ndala Quitunga matilhas de cães de guerra, animais que os ambundos nunca haviam visto e que no seu terror tomaram por homens transformados em monstros. As tropas portuguesas degolaram nesse dia muitos milhares de guerreiros ambundos. Como testemunho da façanha, arrancaram os narizes aos cadáveres, levando para Luanda a infame carga.

Ngola Mbandi recordou depois a própria derrota, que atribuiu não só à magia dos portugueses mas, sobretudo, à dos jagas do soba Culaxingo, ou Cassange, com os quais os primeiros se haviam aliado. Culaxingo comandava uma tropa de guerreiros encantados, que se escondiam da vista, à vista de todos, ou se deixavam atravessar pelas flechas como se fossem feitos de água, sem sofrerem dano algum.

Quando me foi pedida a opinião concordei com a minha senhora no respeitante à temeridade do empreendimento, evitando, contudo, contestar as superstições de Ngola Mbandi, incluindo o presságio dos pássaros gritadores. Chamei a atenção para o poderio militar dos portugueses, insistindo que qualquer desavença seria mais bem corrigida através da palavra que por meio da força, pois na guerra todos saem sempre derrotados, a começar pela inteligência. O rei interrompeu-me, irado, insinuando que eu estaria ali, não ao serviço da Ginga, e dele próprio, antes como espião dos portugueses. A irmã tomou então a minha defesa, com grande fervor, argumentando que fora ela quem pedira ao governador português um secretário, alguém ilustrado na ciência de desenhar palavras. Voltando-se para mim disse-me que não temesse mal algum, pois sendo seu servo era também seu convidado. Que falasse, pois, segundo o meu livre pensamento, para isso me fizera vir. Outra vez insisti na importância de assinar com os portugueses um tratado de paz e concórdia. O senhor Dom Ngola Mbandi deveria apresentar as suas justas queixas, sobretudo no que respeitava à construção do Presídio de Ambaca em terras que sempre haviam sido suas, bem como quanto à captura de escravos e envio dos mesmos para o Brasil, posto que os comerciantes portugueses andavam tomando a cada ano milhares de cabeças e, com isso, despovoando o reino e subtraindo as famílias. Deveria ainda demandar indemnização do governador, caso o mesmo persistisse em manter o Presídio em Ambaca. Finalmente, aconselhava-o a solicitar o arrimo de Portugal em conflitos que, no futuro, o opusessem a reinos vizinhos.

Ngola Mbandi sossegou. Ordenou-me que escrevesse uma carta, dirigida ao governador Luís Mendes de Vasconcelos. Solicitava o rei que aquela poderosa autoridade recebesse em Luanda uma embaixada sua, à cabeça da qual iria a irmã mais velha, Ginga, que tinha por conselheira preciosa. Ali mesmo redigi a carta, tarefa que o rei e seus macotas acompanharam com silencioso assombro. Logo a selei com lacre de cera, sendo a mesma entregue a um mensageiro.

Regressei com o coração descompassado à casa que me fora entregue. Nessa noite, um sonho ruim me afligiu. Achava-me sozinho na selva confusa, e um exército de ferozes pássaros negros, cada qual do tamanho de um cavalo, descia do céu para me ofender. Despertei em prantos, às primeiras luzes da manhã, sentindo-me como uma criança perdida na cova do leão.

Domingos Vaz surgiu pouco depois. Vendo-me tão atormentado insisti em acompanhar-me numa visita através do quilombo e suas cercanias. Enquanto cruzávamos o tumulto daqueles arraiais, foi-me ele contando da sua vida e das suas desditas e venturas. Nascera em Luanda, mas crescera num engenho de açúcar, na ilha de Itamaracá, que na língua tupi tem o significado de pedra que canta. Aos quinze anos o seu senhor o trouxe de novo para Angola, encantado com sua inteligência e boa catadura, para que lhe servisse em casa. Pouco depois já ele comandava a restante criadagem. O dito senhor, um homem pardo, natural de Luanda, de muita fortuna, com engenhos em Pernambuco e palácios na cidade de São Salvador da Bahia e em Lisboa, o vendeu depois à Ginga, como língua. Domingos Vaz aprendera em criança o quimbundo, o tupi e o

português e, mais tarde, já em Luanda, o congo, o francês e o holandês, usando todos estes idiomas com admirável acerto e desenvoltura. Em gratificação dos seus serviços, a Ginga lhe concedera algumas léguas de boa terra, servida de abundosa água, e ali erguera ele a sua casa e plantara os seus arimos e lavouras. Em 1618, porém, após a derrota das forças de Ngola Mbandi, os portugueses assaltaram o Reino do Dongo, como quissondes, pilhando, incendiando e recolhendo escravaria. Domingos Vaz perdeu uma trintena de escravos, a casa e tudo o que cultivara.

Pode parecer coisa rara, esta de um escravo possuir também ele homens cativos, mas em Angola, como entre os mouros ou mesmo no Brasil, isso é algo muito comum.

Domingos Vaz conduziu-me à casa onde então morava, num extenso areal voltado para o rio, em cujas margens várias mulheres se ocupavam, pilando milho e salgando peixe. Três dessas mulheres tinha-as ele como esposas, uma das quais ainda muito moça, de olhar meigo e extraordinária formosura, chamada Muxima, palavra que em quimbundo significa coração. Domingos Vaz por certo reparou no meu olhar, preso nos delicados peitos da menina, pois me disse, sorrindo, que a podia tomar e deitar-me com ela, se tal fosse o meu desejo.

Recuei, com horror. Como podia propor-me tal abominação, sendo a moça sua esposa — ainda que apenas segundo os rituais gentílicos — e eu um servo de Deus?

Domingos Vaz voltou a sorrir. Retorquiu, brandamente, ser costume nos sertões de Angola oferecer uma das mulheres, de modo geral a mais nova, aos forasteiros, ou

a alguém por quem se nutra particular afeto. Pois que visse o gesto dele como o de um amigo que me queria muito bem. Quanto à batina, sabia ele de muitos padres que se deitavam com mulheres, com elas procriando, e até, em muitos casos, criando e educando essa descendência como se fosse legítima.

— O Deus dos Cristãos está muito longe — acrescentou Domingos Vaz.

Ouvindo-o, estremecei.